



INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS

**VI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE LISBOA
A DEFESA DA EUROPA E O CONSENSO ATLÂNTICO**

15-17 de Dezembro de 1988

A REGIÃO SUL E A DEFESA DA EUROPA

António Fuzeta da Ponte

1. A REGIÃO SUL

Breve descrição geográfica

A defesa da região sul da Europa passa, indubitavelmente, pela defesa do flanco sul da NATO o qual, nas palavras do italiano Vincenzo Tornetta, "tem o epicentro no Mediterrâneo"¹, esse extenso mar constituído por uma série de bacias e litorais ligados por pontos focais vitais e dominado por características geográficas estratégicas.

No seu longo passado histórico, como no presente, o Mediterrâneo desempenha um papel essencial na ligação de nações amigas, hoje nações pertencentes ao flanco sul da Aliança pois que, em vez de representar uma barreira, o Mediterrâneo liga: liga o petróleo do Médio Oriente à Europa Ocidental, a navegação do Oceano Índico ao Oceano Atlântico, 8 portos soviéticos do Mar Negro libertos de gelos às rotas marítimas do Atlântico e do Índico; ele liga, enfim, os parceiros do sul da NATO e algumas das mais importantes nações industriais ocidentais com os seus mercados e recursos.

Na realidade, a região sul prolonga-se para além deste importante mar, por toda a periferia sul da Aliança, periferia que se estende da fronteira sul da Turquia à fronteira sul dos EUA. Numa perspectiva mais europeia, a região sul estende-se dos Açores, bem no meio do Atlântico, a Erzurum, na Turquia oriental, não longe da fronteira com o Irão. A região assim definida é uma região atlântico-mediterrânica, onde Portugal ocupa uma posição charneira.²

Sem entrar em pormenor, direi que a posição estratégica de Portugal torna-se vital nesta região (especialmente devido à situação dos Açores) em termos de cenário de guerra quer no teatro europeu quer no mediterrânico em que os EUA se possam envolver, dado que o grupo de ilhas portuguesas e o continente estão geograficamente situados numa posição intermédia entre o Atlântico e o Mediterrâneo e entre a Europa e a África. Assim, Portugal embora não pertença formalmente ao flanco sul da NATO, está estrategicamente muito perto de Sul, podendo afirmar-se que "enquanto que em termos de clima, flora e nível de desenvolvimento económico, cultura e, especialmente, língua, Portugal é um país mediterrâneo, em termos de posição geográfica e das opções geopolíticas, Portugal pertence ao teatro Atlântico. A afirmação desta dimensão atlântica, especialmente *vis-a-vis* Espanha, tem sido sempre central no pensamento estratégico português."³

¹ Tornetta, Vincenzo – "Nato's South Flank and the Mediterranean", p.69 (2)

² Vasconcelos, Alvaro – "Une particularité de la région Sud: – Carrefour Est.-Ouest et Nord-Sud", p.79

³ Vasconcelos, A. – "Nato's Southern Flank, Portugal", p.5

Não há dúvida que a geografia favorece a Aliança no flanco sul.

No Mediterrâneo como no Atlântico, a NATO encontra-se numa posição marítima central, tendo as forças do Pacto de Varsóvia (PV) que lutar pela sua entrada nesse espaço. De facto, o PV movimenta as suas forças de superfície vindas de leste para o Mediterrâneo, através do Bósforo e Dardanelos, tendo ainda que atravessar os perigosos pontos focais do mar Egeu. Durante este trajecto, essas forças só têm algum apoio aéreo enquanto estão sob o raio de acção das forças aéreas soviéticas estacionadas na Crimeia. Por outro lado, a União Soviética movimenta os seus submarinos vindos do Atlântico para o Mediterrâneo através do estreito de Gibraltar e, aqui também, somente após uma longa e muito difícil travessia oceânica.

A essa vulnerabilidade geográfica das forças soviéticas no Mediterrâneo, derivada do facto de o controlo dos seus pontos focais estarem na mão dos países da Aliança, acresce a dificuldade logística que resulta da falta de bases de apoio e de refúgio dessas forças, dado que nenhum país do PV tem linha de costa no Mediterrâneo. Só a Síria concede, de momento, bases de apoio a forças da União Soviética.

A luta russa contra esta geografia adversa vem de tempos históricos, sendo bem conhecido o antigo desejo de obter portos com águas quentes. O acesso ao Mar Negro e a passagem livre nos estreitos turcos eram – e continuam a ser – indispensáveis para exportar os produtos da sua produção florestal, agrícola e outros. Nas palavras da Michael Mc Guire, "em caso de guerra o Mar Negro é uma granada nos intestinos da Rússia,"⁴ uma vez que ele conduz ao interior da União Soviética e dá acesso a satélites e populações eventualmente rebeldes. O Mediterrâneo é a antecâmara do Mar Negro mas, dada a existência dos actuais sistemas de ataque nuclear de longo alcance baseados no mar, o Mediterrâneo tornou-se mais que essa mera antecâmara, dado que Moscovo fica praticamente equidistante dos mares Mediterrâneo e de Barents e que grande parte da base industrial militar soviética se situa a sul de Moscovo.

Não é portanto de estranhar que uma das mais interessantes e importantes evoluções do pensamento estratégico da NATO tenha sido a adopção dum conceito de "defesa marítima avançada, capitalizando as desvantagens geográficas dos soviéticos"⁵, cuja aplicação ao flanco sul é evidente.

Breve descrição política

⁴ Mc Guire, Michael – "Soviet strategic arms and capabilities in the Mediterranean", p.2

⁵ Alm. Oswald, Julian (RN) – "Maritime concepts of operations: New thinking", p.12

A área da NATO é normalmente dividida, em termos geográficos, num centro e dois flancos. Porém, enquanto que o flanco norte e o centro têm ligações geográficas e operacionais que se colocam fundamentalmente no contexto das relações Leste-Oeste, o flanco Sul não pode ser considerado somente nesse contexto, sendo indissociável dos problemas do Mediterrâneo. Região em que é muito difícil, senão impossível, estabelecer uma linha divisória entre situações Leste-Oeste e situações regionais que, pela sua natureza, estão mais associadas às relações Norte-Sul. De facto, não se vê como se possa desligar uma análise da situação mediterrânica de que se passa, por exemplo, nos conflitos centrados em Israel e na Palestina, que neste momento decorrem.

O flanco Sul e, por arrastamento, a periferia sul, não tem representado, até agora, uma primeira prioridade para a NATO, que se tem concentrado, quase obsessivamente, na ameaça soviética terrestre na frente central e, depois, no flanco Norte. Na opinião do turco Yasar Gürbüz, "Os acontecimentos do Golfo e a invasão do Afeganistão incitaram a NATO a debruçar-se mais atentamente sobre a parte oriental do flanco Sul. Neste contexto, foram já iniciadas a construção ou a modernização de vários aeroportos militares no leste da Turquia."⁶

Opinião semelhante adianta o britânico, Dr. David J. Play que afirma "... O Mediterrâneo pode crescer em prioridade se os interesses políticos se desviarem novamente da região do Golfo, se uma opção de guerra prolongada surgir no flanco Sul e se as ameaças actuais às bases aéreas dos EUA se materializarem". E acrescenta, "Isso poderá agravar os actuais dilemas, sobre a concentração de meios suficientes para operações no Mar da Noruega".⁷ O futuro nos dirá.

Visto de diferentes perspectivas, como o *soft underbelly* da Europa, como foco de confrontações ou como o terminal sul da ponte marítima entre a América do Norte e a Europa, o Mediterrâneo é objecto de vasto debate quanto à sua importância relativa para o Ocidente e à atribuição de forças e recursos para defender aí os interesses vitais do mundo ocidental.

Para o jugoslavo Vatroslav Vekarić, "o Mediterrâneo é, e será ainda durante bastante tempo, a região ao longo da qual se cruzarão de maneira substancial e visível quase todas as controvérsias principais do mundo contemporâneo: – a começar pela confrontação Leste-Oeste até à contradição Norte/Sul, depois as guerras locais e os ambientes de crise até aos problemas do petróleo, depois o terrorismo e a emigração,

⁶ Gürbüz, Yasar – "Turquie: l'Extrême-Orient de l'OTAN", p. 54d

⁷ Play, David J. – "The US Navy and the defence of Europe", p.24

até ao encontro de culturas diferentes e de modelos de civilização da Europa, África e Ásia".⁸

Do lado europeu, a região sul agrupa seis países que são membros da Aliança Atlântica, embora com modalidades de integração diferentes como adiante veremos (Portugal, Espanha, França, Itália, Grécia e Turquia), países cujo cimento comum é a sua cultura mediterrânica. Sendo todos eles membros da CEE, com excepção da Turquia, existem contudo estados de evidente assimetria económica entre eles, particularmente entre Portugal, Grécia e Turquia e os restantes.

Qualquer destes países europeus mantém relações bilaterais com os países do Norte de África, de maior ou menor extensão: Portugal está agora tentando melhorar as suas relações com Marrocos, após um longo período de alheamento, "tendo em vista que relações tripartidas nesta região – envolvendo Portugal, Espanha e Marrocos – são mais equilibradas".⁹ A Espanha é um parceiro económico importante com a Líbia, Argélia e Marrocos, o último dos quais também na área militar, não obstante os diferendos sobre Ceuta e Mellila. A França é o principal parceiro económico dos países do Maghreb no seu conjunto, com especial relevo para a Argélia, Marrocos e Tunísia. Depois de França, é a Itália – tal como a anterior, antiga potência colonial – que desempenha um papel primordial no Mediterrâneo, sendo o segundo parceiro económico mais importante do Maghreb, com especiais ligações à Líbia, não obstante o rescaldo dos últimos acontecimentos, após a intervenção armada dos EUA. A Grécia mantém boas relações com todos os países árabes.

De assinalar que os países do Norte de África, além de serem fornecedores de gás para a Europa, têm acordos preferenciais com a CEE que representam 40 a 60% das suas importações e exportações.¹⁰

Voltando a citar o Dr. Vekaric, "as más relações entre vizinhos são muito mais a regra que a excepção à escala mediterrânica: existem tensões entre a Líbia e o Egipto, entre a Síria e o Egipto, a Líbia e a Tunísia, a Turquia e Grécia, a Jugoslávia e a Albânia, entre Israel e a totalidade do seu enquadramento geográfico. As crises nas franjas do Mediterrâneo. – a guerra Irão/Iraque, o problema do Sahara Ocidental e os conflitos no Tchade – são ainda fontes importantes de instabilidade complementar à escala da região global".¹¹

⁸ Vekaric, Vatroslav – "Les relations Est-Ouest et les développements en Méditerranée", p.14 e 15

⁹ Vasconcelos, A. – "Europe, the Middle East and North Africa", p.5

¹⁰ Ibid, p.7

¹¹ Vekaric, V. – Op. cit, p.17

Mas, além destes importantes factores, outros contribuem para a instabilidade da região sul, tais como:

– As hegemonias regionais, com Israel por um lado e a Síria do outro, complicam ainda mais o conflito libano-palestiniano; a ingerência da Grécia e da Turquia é o principal obstáculo que se interpõe à solução do problema do Chipre. Enfim, a luta por uma predominância regional envolvendo a Líbia, Argélia, e Marrocos, na qual o conflito do Sahara Ocidental não é mais que uma manifestação importante, afecta gravemente as respectivas relações com a Europa.

– Os apelos nacionalistas têm envenenado as relações Norte/Sul no Mediterrâneo, desde as lutas pela independência à nacionalização de indústrias na Argélia, até às disputas territoriais. "Estas últimas têm constantemente dificultado as relações entre a Espanha e Marrocos, o qual reclama ainda os enclaves espanhóis de Ceuta e Mellila... A continuação destas disputas dificultam o melhoramento das relações hispano-marroquinas, sobre as quais deveria ser baseada a contribuição espanhola para a revitalização da política mediterrânica europeia".¹²

– O exorbitante crescimento demográfico dos povos do Norte de África, origina não só instabilidade nos próprios países do Maghreb, como ainda tendências de segregação em países europeus onde existem largas comunidades de emigrantes, o que pode vir a transformar-se num elemento muito sério de tensões Norte/Sul.

– Finalmente, o Mediterrâneo é teatro de numerosos conflitos de origem endógena, onde as superpotências fazem sentir a sua presença. De facto, os EUA são hoje, graças à sua presença naval e aérea, a maior potência mediterrânica. Esta presença, acrescida de forças apreciáveis da U. Soviética, tiram por vezes o carácter regional a certos conflitos, aumentando o risco de fazê-los degenerar noutros de maior envergadura. As crises do Próximo Oriente, incluindo a questão palestina e o Líbano, são dois exemplos que se poderão citar.

2. POSTURA SOVIÉTICA NA REGIÃO

Política de defesa

A estratégia soviética no Mediterrâneo tenta alcançar dois objectivos fundamentais: o controlo dos estreitos e o afastamento dos EUA desse teatro de operações.

Desde o século XVII que o objectivo essencial da Rússia Czarista era garantir o livre acesso ao Mediterrâneo, cuja solução única era o controlo da via de acesso, formado pelo Bósforo e pelos Dardanelos. Este objectivo persiste hoje em dia, dado que é a

¹² Vasconcelos, A. – *Op. cit.*, p.10 e 11

única saída do Mar Negro para os restantes mares de "mais de 250 navios soviéticos por ano" e que metade da marinha mercante soviética tem o seu porto de armamento nesse mar.¹³

Em tempo de guerra, tal objectivo seria a maneira mais efectiva de evitar as incursões NATO no Mar Negro. Além disso, a URSS necessitará o controlo da Trácia e dos Estreitos, tendo em vista a sua projecção para além do território soviético, no mar Egeu e no Mediterrâneo, e ainda a separação da Turquia dos seus aliados NATO e das suas linhas de reabastecimento.

O outro objectivo principal da União Soviética é o de expulsar os EUA do Mediterrâneo e conseguir evitar o seu regresso. Para tal, a URSS tentará assegurar o estreito de Gibraltar e um perímetro defensivo ao longo da margem Norte do Sahara¹⁴ e tentará, recorrendo a métodos de estratégia indirecta, tornar impossível o acesso dos EUA às facilidades que dispõe na região Sul e criar insegurança nas linhas de comunicação marítimas (LCM) e aéreas.

Nesta conformidade, vislumbram-se, como mais prováveis, os seguintes cenários de confronto Leste/Peste:

- uma campanha terrestre no Norte de Itália, partindo da Hungria, com o objectivo imediato de neutralizar forças NATO, particularmente unidades aéreas táticas, de tal forma que elas não possam reforçar a frente central;
- uma campanha terrestre na Trácia, grega e turca, para ocupação do Bósforo e Dardanelos, com o objectivo imediato de evitar incursões NATO, que poderiam desviar o eixo de gravidade estratégico da frente central, onde a campanha terrestre principal deverá ocorrer, com prioridade sobre todas as outras;
- uma campanha naval para controlo das LCM;
- uma campanha nas regiões petrolíferas do Médio Oriente.

Principais ameaças

Entre outras, poderei indicar as seguintes ameaças principais aos interesses ocidentais:

- Presença naval soviética, concretizada pela 5ª Esquadra;
- Conflitos regionais explosivos, eventualmente originados ao longo das margens Este e Sul do Mediterrâneo;
- Evolução perigosa de crises "extra-mediterrânicas", cujo exemplo típico é a guerra do Golfo Pérsico;

¹³ Gürbüz, Y.– *Opus cit*, p.54f

¹⁴ Mc Guire, M.– *Opus cit*, p.12

– Desenvolvimento do terrorismo internacional, concentrado na bacia do Mediterrâneo.¹⁵

Do ponto de vista militar, a 6ª Esquadra americana, mais as forças aliadas, mantêm uma clara superioridade sobre a 5ª Esquadra soviética, de características variáveis e muito diversas, com uma componente constituída por submarinos destinados à luta anti-LCM, provenientes do Atlântico e por um Grupo de Acção de Superfície, provenientes do Mar Negro. Esta esquadra só tem apoio naval dos aviões baseados em terra na Crimeia.

Dada a predominância ocidental, as hipóteses de sobrevivência desta esquadra soviética são baixas. Elas seriam, contudo substancialmente melhoradas se essas unidades tivessem maior protecção de aviação baseada em terra. Isto sugere que a União Soviética poderá tentar estabelecer instalações na Líbia, comparáveis às que possuiu no Egipto, de 1968 a 1972. Assim, quaisquer desenvolvimentos deste tipo na Líbia, Marrocos ou Argélia, tornam possível um conflito com repercussões militares para os países europeus, para as posições logísticas do SACLANT e para as LCM aliadas, que seriam ameaçadas não só por bombardeiros soviéticos e submarinos baseados no Norte, mas também por capacidade naval e aérea soviética baseada no sul.

Dada a actual predominância militar naval aliada, atrás descrita, existe uma forte corrente de opinião no sentido de afirmar que os nossos adversários só poderão verdadeiramente ameaçar os nossos interesses no Mediterrâneo politicamente mas não militarmente. E, assim, os problemas principais na região sul não seriam essencialmente de segurança mas económicos, sociais e demográficos, não podendo encarar a ameaça numa única perspectiva Leste/Oeste, deixando de fora os problemas regionais.

Enfim, a instabilidade do Norte de África é, sem dúvida, uma ameaça e uma preocupação estratégica da Europa do sul, tanto mais importante no momento em que o excessivo crescimento demográfico do Norte de África põe em causa a estabilidade e os povos do Maghreb e do Médio Oriente se começam a desencantar da ilusão da riqueza do petróleo.

Assim sendo, "a terceira guerra mundial tem mais probabilidade de encontrar a sua origem numa escalada dum conflito no sul que conduziria a um confronto directo

¹⁵ Rudney, Dr. Robert - "U.S.: Policy toward the NATO Southern Region: Problems and prospects", September 1987, p.1

entre as superpotências que num conflito na Europa. Evitar a terceira guerra mundial também nos conflitos regionais está à cabeça de todas as prioridades".¹⁶

3. POSTURA ALIADA NA REGIÃO

Organização da defesa do flanco sul da NATO

O flanco sul da NATO começa a sua defesa em pleno Atlântico, sendo de realçar o papel importante desempenhado pela área de acesso ao Mediterrâneo, entregue ao IBERLANT. Como atrás vimos, o controlo das entradas e dos pontos focais do Mediterrâneo é indispensável para o Ocidente e, portanto, Gibraltar e as suas aproximações do lado atlântico são fundamentais na defesa das linhas de comunicação marítimas e áreas de reforço e reabastecimento aliado, bem como no reabastecimento económico dos países ocidentais.

Na área do IBERLANT intervêm como parceiros Portugal, o Reino Unido e os EUA aguardando-se ainda o tipo de participação das importantes forças aéreas e navais espanholas dado que – como é sabido – a Espanha não se integrou na estrutura militar da NATO. A adesão da Espanha, embora apoiada por Portugal, tem causado acesa discussão acerca da forma em que poderá afectar o nosso papel dentro da Aliança, "havendo ainda receios que os EUA ou a NATO possam ser tentadas a entregar à Espanha tarefas de segurança dentro do IBERLANT para as quais as Forças Armadas portuguesas não estão ainda adequadamente equipadas".¹⁷

Nesta importante área da NATO, há ainda a registar o diferendo entre a Espanha e a Grã-Bretanha sobre Gibraltar, o qual afecta igualmente a integração das forças espanholas, que não aceitam ficar debaixo de ordens do COMGIBMED, que é um oficial inglês.

Toda a área do Mediterrâneo está sob o comando do CINCAFSOUTH (Commander-in-chief Allied Forces Southern Europe), nomeadamente o comandante naval da área, COMNAVSOUTH e o comandante das forças navais de ataque e de apoio COMSTRIKFORSOUTH que comanda os porta-aviões e navios de superfície da força de combate, bem como os navios anfíbios e os fuzileiros que constituem a força anfíbia (6ª Esquadra americana).

No Mediterrâneo Ocidental (MEDOC), teatro essencialmente dedicado à guerra anti-submarina (ASW), continua-se a acção iniciada no IBERLANT tendo em vista proteger as densas LCM que entram o Mediterrâneo vindas de Gibraltar e atacar os submarinos

¹⁶ Vasconcelos, A. – "Une particularité de la région Sud: Carrefour Est-Oest et Nord-Sud". p.87

¹⁷ Vasconcelos, A. – "NATO's Southern Flank. Portugal", p.30

soviéticos que entram ou largam para o Atlântico. Apesar da esquadra francesa do Mediterrâneo não fazer parte das forças do AFSOUTH – dado que também a França não tem as suas forças armadas integradas na estrutura militar – ela tem um plano coordenado com essas forças e faz com elas exercícios. A Espanha, como atrás foi dito, ainda não contribui para o esforço comum, dada a indeterminação da sua participação militar.

No Mediterrâneo central (MEDCENT) participam as forças italianas. Eventualmente, gregas, embora ultimamente a Grécia tenha retirado as suas forças armadas dos exercícios NATO por discordar da sua execução *vis-a-vis* o seu diferendo com a Turquia.

O Mediterrâneo Oriental (MEDEAST e MEDSOUEAST) é aquele que maiores dificuldades traz à Aliança, dada a presença das forças aéreas soviéticas baseadas em terra, os diferendos entre a Grécia e a Turquia, a tremenda instabilidade do Médio Oriente, o apoio concedido pela Síria e a vizinhança próxima da URSS. Além disso, como atrás se disse, as forças gregas estão imperfeitamente integradas na estrutura militar da NATO e as forças navais turcas não estão atribuídas ao COMNAVSOUTH, operando somente sob comando turco.

O esforço europeu da região é fortemente complementado pelos EUA que, como atrás se disse, constitui, na realidade, a principal força presente. O poder e o alcance da 6ª Esquadra é, por enquanto, de longe, a força militar mais potente da região.

Por outro lado, é de realçar o peso do apoio cedido pelos países europeus membros da NATO, em bases e cobertura destas forças dos EUA, quando comparado com a vulnerabilidade das forças soviéticas do Mediterrâneo, as quais não dispõem praticamente de bases de apoio e cujo acesso a esse mar obriga à passagem por pontos focais controlados por nações aliadas aos EUA, como atrás foi referido.

Recorda-se que os EUA têm acordos de defesa com 5 países que lhe permitem ter forças nos seus territórios, no quadro da defesa E/W e, também, em operações fora da área, mediante condições.

Política de defesa

A política de defesa aliada na região sul procura alcançar os seguintes objectivos estratégicos:

- preservar a integridade territorial dos países aliados da região, resistindo a qualquer forma de intromissão do PV;
- manter o Mediterrâneo e suas aproximações como uma LCM segura para os aliados e negá-la aos adversários em caso de guerra

É evidente que o meio mais eficaz de alcançar estes objectivos é manter a paz, dissuadindo o inimigo. Em tempo de paz, o Ocidente prossegue a sua dissuasão através duma presença naval bem visível, para a qual contribui poderosamente a 6ª Esquadra americana e a superioridade naval aliada.

A política de dissuasão foi recentemente confirmada pelos actuais dirigentes da NATO que reafirmaram a necessidade de prosseguir "a estratégia da resposta flexível e da defesa avançada (tal como definida no documento MC 14/3)".¹⁸ Na realidade, é indispensável eliminar a capacidade do PV poder efectuar uma invasão de surpresa (tal como o actual dispositivo das suas forças militares na Europa permite) e estabelecer com maior clareza a previsão sobre operações militares do bloco soviético.

A estratégia de defesa avançada atrás referida encontra particular adequação à estratégia marítima e ao teatro da região sul. Sem entrar em grandes detalhes, lembrarei que a aplicação dessa estratégia (baseada na combinação dos seguintes 4 princípios: dispor as forças com antecedência; defender em profundidade; levar a guerra ao inimigo e colocar as forças soviéticas em risco), à região conduz às seguintes vantagens:

- a colocação antecipada de forças navais no Mediterrâneo e acessos, favorece o objectivo de controlar crises e evitar que, quando elas surgem, alcancem o limiar da guerra;
 - a defesa avançada permitirá enfrentar as forças de PV em pontos focais e em águas restritas sob nosso controlo;
 - o levar a guerra ao inimigo e colocar as forças soviéticas em risco permitirá afundar os submarinos soviéticos no Atlântico Norte, antes de eles entrarem no Mediterrâneo.
- Enfim, a nova estratégia marítima dos EUA e da NATO, poderá conduzir a operações ofensivas no Mar Negro (MEDNOREAST), até agora considerado um "lago soviético", factor altamente perturbante para o planeamento soviético.

Por outro lado, a Aliança Atlântica não pode ficar alheia a situações que afectem interesses vitais dos seus membros, mesmo que elas se situem fora da sua área. De facto, no Relatório de Harmel, de Dezembro de 1967, reafirma-se que a "área da NATO não pode ser tratada isoladamente do resto do Mundo. Crises e conflitos que surjam fora da área podem pôr em risco a sua segurança quer directamente quer afectando o equilíbrio global". Contudo, o relatório sublinha também o princípio que crises e conflitos de origem local e regional devem permanecer, tanto quanto possível, restritos à sua própria área, para evitar o seu envolvimento no confronto Leste/Oeste.

¹⁸ Rusi, Verão de 1988, p.5 a 9

Nas palavras do Almirante francês J. Chaband, "os factores político, diplomático, económico e militar que possam afectar a estabilidade dos países do Maghreb – Argélia, Tunísia, Marrocos – dizem directamente respeito à França, à Itália e à França, mas também a todos os países da Aliança".¹⁹

Em resumo, o esforço conjunto das forças de terra, mar e ar das potências ocidentais deve revelar uma capacidade credível de derrotarem qualquer forma de agressão e, ainda, apresentarem uma vontade conjunta para empregar essas forças na defesa dos interesses ocidentais.

Os elementos essenciais da estratégia marítima ocidental na região sul são o emprego da força naval para capitalizar as vantagens geográficas do Ocidente e para explorar as vulnerabilidades geográficas soviéticas.

4. O CONSENSO ATLÂNTICO

Diferentes percepções

Como foi referido, é no esforço concentrado de todos os aliados e, nomeadamente, numa aberta e participada cooperação atlântica entre europeus e americanos que se baseia o fulcro da defesa do Ocidente e, nela incluída, a região sul.

Interessa, portanto, averiguar quais são, neste momento, os possíveis pontos de atrito derivados de diferentes percepções da realidade da região sul que possam afectar o consenso atlântico. Entre outros, citarei os seguintes:

- uso da força no Mediterrâneo para resolução dos problemas regionais;
- forma de actuação perante o terrorismo. A falta de uma política única europeia para enfrentar os principais desafios vindos do sul tem acentuado esta dificuldade;
- atitude a tomar em relação aos nacionalismos. Enquanto que os europeus parecem aparentemente ter aceite o nacionalismo árabe, o seu não-alinhamento e a luta dos palestinianos por uma pátria-mãe, nos americanos parece prevalecer ainda a ideia de que "quem não é por nós é contra nós". O facto de os EUA serem vistos como um apoiante incondicional de Israel e de elementos importantes da actual administração verem a OLP exclusivamente como uma organização terrorista²⁰, certamente acentua esta diferença;
- percepção europeia que Israel tem sido um parceiro privilegiado dos EUA e que se tem mostrado capaz de influenciar a política americana na região sul e as suas acções, em muito maior extensão que os aliados da NATO;

¹⁹ Alm. Chaband, J.– "La France, l'Alliance et la Méditerranée", p.93

²⁰ Vasconcelos. A. – "Europe, the Middle East and N. Africa", p.13 e 14

– os cortes da ajuda militar americana que, desde 1985, chegaram a atingir 50% a certos países de sul da Europa. Portugal já exprimiu insatisfação perante os recentes cortes (de 207 para 177 milhões de dólares em 1988) e a Grécia, talvez encorajada com o sucesso espanhol em correr com os aviões F16, está a ameaçar desalojar as forças americanas da base de Hellenikon, ao sul de Atenas. Mesmo o auxílio militar à Turquia tem sofrido cortes militares sucessivos (718 milhões em 1984 para 490 milhões em 1988). "Pode-se chegar a um ponto em que o orçamento americano pagará apenas a ajuda a Israel, Paquistão e países da América Central"²¹. Tudo indica, portanto, que nos próximos vinte anos a Europa Ocidental tenha que adaptar a sua política de segurança para compensar a participação da defesa dos EUA, em manifesta retracção.

Finalmente, a resistência dos aliados NATO a apoiar a política dos EUA fora da área pode originar uma crise importante dentro da Aliança, se tal situação não for encarada com realismo, no Mediterrâneo e noutras regiões anexas, tal como o Golfo Pérsico.

Em resumo, o Norte de África e o Médio Oriente são áreas de substancial desacordo transatlântico. Contudo, nas questões fundamentais, tal como a dissuasão da URSS, em manter as LCM livres ou evitar o desenvolvimento do fundamentalismo como uma força significativa no Maghreb, os interesses europeus e americanos coincidem.²².

A Europa e a defesa da região sul

De tudo o que foi dito, concluo que, no momento actual, cabe à Europa uma maior acção global na sua própria defesa e, em particular, na região sul:

Na realidade, o actual panorama do Mediterrâneo aconselha uma acção enérgica e durável dos europeus, em conjunto com os seus parceiros dos países ribeirinhos, a fim de que possam ser bloqueadas as tendências negativas na área da segurança. Na visão dos não-alinhados, descrita pelo Dr. Vekaric, deve ser encorajada "a cooperação bilateral e multilateral dos países não-alinhados do Mediterrâneo, tanto no plano político como na escala económica e, em particular, no domínio das comunicações dos transportes, da cultura, etc, conducente à visão do Mediterrâneo como zona de paz e de cooperação dos países ribeirinhos".²³ Tal visão é apadrinhada e alargada, para além dos países não-alinhados, a todos os países ribeirinhos do Mediterrâneo, pelo Dr. Rudney, que preconiza a criação de uma "organização para a cooperação e

²¹ Deen, Thalif – "US overseas bases face an uncertain future", in "Jane's Defence Weekly", 6 de Agosto de 1988, p.216e 217

²² Vasconcelos, A. – Opus cit, p. 19

²³ Vekaric, Dr. Vatroslav – Opus cit, p.22 (24) Rudney, Dr. Robert - Opus cit, p.9

segurança mediterrânicas"²⁴, estrutura que considera fundamental na prevenção de conflitos de superpotências.

De qualquer forma, na parte exclusivamente europeia, torna-se necessário que a "mediterraneização" da CEE, devida à recente entrada da Grécia, Espanha e Portugal, dê origem a uma política mediterrânica nessas comunidades, capaz de fornecer um quadro satisfatório à cooperação durável e equitativa de todos os países ribeirinhos. A futura adesão da Turquia à CEE, um processo inevitável logo que esse país alcance o estado de democracia completa, certamente completará esse processo de mediterraneização e lhe dará maior expressão.

Os países europeus não podem deixar de ter uma maior intervenção nos problemas regionais do Mediterrâneo, tentando-os resolver a esse nível, antes que eles se integrem no confronto Leste/Oeste, no qual a solução é muito mais difícil.

Neste sentido, julgo que a Europa se devia comprometer, tomando acções segundo as seguintes linhas;

- Uma posição realista, bem definida mas firme, em relação ao terrorismo;
- Iniciativas de diálogo e de apoio económico e político, especialmente em relação aos países árabes mais moderados;
- Uma actualização permanente de posições e iniciativas em relação à questão da Palestina e a outras crises regionais.²⁵

Como já atrás se acentuou, é também tempo de os europeus iniciarem discussões sérias sobre as repercussões estratégicas duma colaboração militar americana de perfil mais apagado que o actual, quer nos flancos quer na região central. Nas palavras do Dr. Rudney "uma coisa é certa: a Europa Ocidental não pode continuar a funcionar (simultaneamente) como superpotência económica, esquizofrénica política e vassala militar".²⁶

Dada a sua importância, volto ao ponto da colaboração europeia fora da área. Como anteriormente foi dito, e agora repito, a Europa não pode alhear-se dos problemas fora da área que afectem os seus reais interesses. Na realidade, devido ao recente enfraquecimento da presença naval italiana e americana normais no Mediterrâneo, motivada pelos seus compromissos no Golfo Pérsico, a RFA colocou uma força de fragatas e *destroyers* no Mediterrâneo. Esta actividade, fora da área em que normalmente actua, é aquela que a RFA sente que pode levar mais longe, dadas as limitações a si mesmo impostas em matéria de defesa, mas é tanto mais notável na

²⁴ Rudney, Dr. Robert – Opus cit, p. 9

²⁵ Torretta, V. – Opus cit, p.76

²⁶ Rudney, Dr. R. – Opus cit, p.9

medida em que o natural desejo alemão é o de se integrar mais profundamente na estratégia naval da defesa avançada do Mar da Noruega, um objectivo muito mais próximo dos seus interesses nacionais.

Em termos de actuação fora da área, a concertação obtida pela primeira vez na UEO para o Golfo Pérsico poderá ser continuada. Barreiras que anteriormente pareciam insuperáveis estão certamente a abater-se e a criação da esquadilha de caça-minas e draga-minas (MCM) inglesas e do Benelux no Golfo, formalmente apoiada por navios de guerra britânicos e com a possibilidade de apoio europeu de maior extensão, se necessário, é um precedente importantíssimo.²⁷

A possibilidade das forças dos EUA estarem em acção noutra local que não o Mediterrâneo levanta questões importantes sobre as implicações da política naval dos EUA nas outras marinhas da NATO, tais como o que poderão as marinhas europeias da NATO fazer por si próprias? O que podem fazer essas marinhas para ajudar as forças dos EUA?

A minha resposta é que a Europa Ocidental possui um nível de poder naval sem rival fora das superpotências. Além do Reino Unido e da França, a Holanda, Itália, Espanha e RF Alemã possuem marinhas que se incluem entre as maiores mundiais.

Se todas estas marinhas se juntassem numa simples entidade comum, o resultado seria, sem dúvida, impressionante. Mais que isso, se os recursos dispendidos nestas forças navais separadas fossem empregadas em conjunto, os resultados seriam ainda mais notáveis. Estamos, porém, longe disto. A Europa Ocidental é, por enquanto, uma entidade difusa, coexistente com uma série de organizações que se sobrepõem, tais como a CEE, EFTA, UEO e os membros europeus da NATO, à procura ainda da sua política da defesa.

As marinhas NATO do flanco Sul parecem já ter reagido e adoptado às reduções do nível de forças dos EUA no Mediterrâneo em tempo de paz, como atrás descrevi. Outros factos de interesse que estão ocorrendo também na região sul, são os que resultam das relações triangulares Espanha, França e Itália, ao nível de colaboração bilateral e multilateral em matéria de segurança, política de defesa, cooperação militar e cooperação industrial e tecnológica em matéria de armamentos. O "Grupo de Reflexão Estratégica" hispano-francês criou, por exemplo, um sub-grupo sobre "Segurança no Mediterrâneo" cuja finalidade é alcançar uma política comum para a zona.²⁸ Este grupo troca informações sobre futuros acordos de coordenação entre

²⁷ Grove, E. J. – "Western Europe's navies" in "Naval Forces", n.º II/1988, vol. IX

²⁸ "Cooperación en el Mediterraneo". in "Revista Española de Defensa", n.º7, Setembro 1988, p.18

comandos espanhóis e os comandos da NATO e sobre os actuais acordos de cooperação entre os comandos franceses e o comando NATO.

Se do ponto de vista de equilíbrio Leste/Oeste a 6ª Esquadra é indispensável e insubstituível de momento, ao nível regional e numa perspectiva Norte/sul a sua substituição por uma força naval europeia seria um factor de grande estabilidade, que não só contribuiria para que a esquadra americana se pudesse dedicar mais profundamente às difíceis áreas do Mediterrâneo Leste (MIDEAST e MIDSOUVEAST) e zonas anexas, como ainda contribuiria para afastar a noção, porventura existente em alguns países da região, que a URSS é a única alternativa aos EUA.

Os movimentos para uma Europa mais unificada não podem deixar de ser lentos e com altos e baixos. Contudo, apesar de tudo, eles já são reais e progressivos.

O mundo está-se tornando mais multipolar e a autoridade e o poder quer dos EUA quer da URSS parecem estar em relativo declínio. Nestas circunstâncias, a Europa Ocidental não terá muito mais opções senão aquela de tomar mais conta de si própria, perante uns EUA que esperam, de facto, que tal aconteça e, assim, reforçar um saudável consenso atlântico.

A Aliança Atlântica não pode ser forte se a Europa for fraca e tal fortaleza só pode ser conseguida com a dedicada participação de todos os países aliados. Mesmo dos mais fracos.